

O ESTUDO DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO: SOBRE ALGUMAS FONTES

Huda da Silva Santiago¹

RESUMO

Neste trabalho, apresenta-se uma breve reflexão sobre a importância da construção de *corpora* representativos do português brasileiro, mais especificamente, da sua vertente popular, cujo antecedente histórico teria sido, segundo Mattos e Silva (2001), o português geral brasileiro, adquirido em situações de aquisição imperfeita, difundido pelo Brasil através dos africanos e afrodescendentes. Realiza-se um breve mapeamento de alguns trabalhos que disponibilizam documentos manuscritos, não-literários, organizados para o estudo sócio-histórico e linguístico do português popular brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Português popular brasileiro. Sócio-história. *Corpora*.

1 O PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO

A realidade linguística do Brasil foi bem definida por Lucchesi (2001), quando a designou de “polarizada”. Como resultado da complexa história de formação do português brasileiro, o autor refere-se aos dois pólos que separam as normas vernáculas das normas cultas no país. Por um lado, há o português culto brasileiro, disseminado pelo processo de escolarização e usado pelas classes sociais mais altas, e, por outro lado, há o português popular brasileiro, falado por aqueles que estão distantes dos modelos da variedade culta, pertencentes às classes mais baixas. Sobre isso, Callou, Barbosa e Lopes (2006) lembram sobre a necessidade de se levar em conta que o sentido do termo “polarização”, quando usado em relação ao português do Brasil, deve afastar-se de uma simples dicotomia, dada a realidade linguística do país ser caracterizada por vários pólos cultos e populares sobrepostos em vários níveis.

Nesse sentido, para a compreensão da constituição histórica que define o português popular brasileiro atual, torna-se fundamental comentar, ainda que em linhas gerais, sobre o confuso cenário linguístico dos três séculos seguintes à chegada dos primeiros portugueses ao país, cujos “atores fundamentais”, percebidos a partir dos estudos desenvolvidos por Mattos e

¹ Mestre em Estudos Linguísticos (UEFS). Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS-BA) e membro do projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão - CE-DOHS* (FAPESB 5566/2010).

Silva (2001; 2006), são: a) mais de mil línguas indígenas, de vários troncos e famílias linguísticas, no início da colonização; b) portugueses letrados, que faziam parte da elite econômica e cultural, ou seja, o clero e os administradores da colônia, e não-letrados, representados pelos colonos, o povo português, de diferentes regiões de Portugal; c) africanos falantes de diversos grupos linguísticos, como os do oeste-atlântico, mande, kru, gru, benue-kwa, banto, dentre outros, e d) imigrantes açorianos, europeus da Europa Central e asiáticos do Oriente Médio e do Extremo Oriente, que se deslocaram para o Brasil em um processo de imigração que se intensificou a partir do século XIX.

Essa heterogeneidade que caracterizou a história sociolinguística do Brasil gerou consequências significativas para a configuração atual do português brasileiro. Primeiro, o contato com as variadas línguas nativas e o uso da língua geral para a comunicação durante a escravização e a conversão religiosa dos indígenas. Depois, com a chegada dos africanos, vindos de diferentes nações e falantes de línguas incomuns, o multilinguismo foi acentuado através de relações sociais estabelecidas de forma bastante assimétricas. Com as ondas migratórias que constituíram os ciclos econômicos do país, como a cultura da cana no Nordeste, a mineração em Minas Gerais e a lavoura do café, no Sul, a situação multilíngue espalhou-se pelo território brasileiro.

Nesse quadro, em que a organização político-econômica do país girava em torno de uma sociedade rural, a maioria da população – aquela que servia de mão-de-obra escrava – era excluída da vida social do país nos centros urbanos e, por consequência, também ficava distante do português culto, dos modelos mais próximos ao português europeu. O português adquirido pelos indígenas e africanos, já adultos, em um processo de transmissão linguística irregular, sofreu profundas alterações. A hipótese de Mattos e Silva (2001) é que teria se formado no país um português geral brasileiro, considerado como o antecedente histórico do português popular brasileiro. Para a autora, teria sido a população africana e afrodescendente o agente principal da difusão desse português geral.

O português geral brasileiro, que foi, portanto, adquirido em situações de aquisição imperfeita, era um veículo linguístico de intercomunicação entre africanos de várias etnias e entre estes e os portugueses, integrando a sociedade colonial. É preciso considerar, então, a quantidade expressiva de africanos e afrodescendentes que “[...] desempenharam múltiplos e pequenos, mas essenciais, papéis tanto no interior das famílias dos colonizadores, como

atividades externas indispensáveis, tanto nos núcleos urbanos em formação como no mundo rural da colônia” (MATTOS E SILVA, 2001, p. 293).

No entanto, a polarização do português brasileiro foi atenuada por alguns processos que alteraram a organização do país, como o crescimento da urbanização e da escolarização. Muitos aspectos próprios à variedade popular foram levados para a norma culta, através, por exemplo, da chegada dos imigrantes no século XIX que, após aprenderem o português popular com os trabalhadores locais, ascenderam socialmente. No século XX, a massificação do ensino básico, o processo de crescimento da industrialização e dos meios de transporte e comunicação de massa contribuíram para diminuir ainda mais as diferenças entre a fala das elites urbanas e a das populações pobres rurais, permitindo que certas mudanças ocorridas na fala popular penetrassem na fala das camadas mais altas, numa tendência de mudanças de baixo para cima, e eliminando, na fala popular, por outro lado, as marcas mais características do processo de transmissão linguística irregular ocorrido nos séculos anteriores, numa tendência de mudança de cima para baixo (LUCCHESI; BAXTER, 2006).

Diante desse panorama, percebe-se o quanto a língua reflete as estruturas sociais do povo que a fala, pois, ao longo da história, enquanto há as normas cultas brasileiras, restritas às camadas sociais mais altas, há o português geral brasileiro e depois, o português popular, falado pela população que, através dos séculos, ficou às margens sociais. Para Lucchesi e Baxter (2006, p.189), “[...] o que ocorreu, e ainda ocorre no Brasil, é um violento processo de segregação social, com evidentes reflexos linguísticos”. Isso é perceptível na estigmatização sofrida pelas normas vernáculas da população pobre e/ou rural, e, mesmo que o quadro de polarização tenha sido atenuado, as suas marcas ainda são mantidas. Afinal, Lobo (2001a), ao comentar sobre o processo de urbanização do país no século XX, mostra que é expressiva a quantidade da população que se mantém na zona rural durante esse século, pois é só a partir da década de 80 que a urbanização se implementa de forma mais efetiva.

2 SOBRE A IMPORTÂNCIA DE *CORPORA* PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO

Em comunicação apresentada ao III Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), com o título “Para a história do português culto e popular brasileiro:

sugestões para uma pauta de pesquisa”, Mattos e Silva (2002a, p. 457) aponta como essencial para a recuperação da história do português brasileiro

[...] o estudo vertical das variantes populares do português brasileiro, não só as urbanas, como vem sendo feito pela Sociolinguística, mas nas suas variedades rurais de todo o Brasil, conectando o estudo dos usos do presente com a história das comunidades rurais, não só aquelas que têm um passado profundamente marcado pela presença africana e afro-brasileira, [...] mas as outras com histórias diversificadas.

Nesse sentido, para o processo de reconstrução da sócio-história linguística brasileira, a autora alerta sobre a necessidade de se levar em conta o multilinguismo na difusão da língua portuguesa no país, considerando cada área geográfica e o processo de escolarização do povo brasileiro, incluindo a face culta e a face popular. Sobre a pauta de pesquisa para o PHPB, dentre as nove sugestões apresentadas por Mattos e Silva (2002a, p. 461), destacam-se aqui três²:

1. para a reconstrução do passado do *português brasileiro culto*, pesquisar em *corpora do português europeu* contemporâneo e da mesma natureza dos nossos *corpora* os fatos lingüísticos gramaticais que forem selecionados;
2. para a reconstrução do passado do *português popular brasileiro*, pesquisar no espaço brasileiro as variedades conviventes hoje sobretudo as dos não-escolarizados das diversificadas áreas rurais do Brasil;
3. reconstruir, detalhadamente e com a precisão possível, a sócio-história linguística das diversas áreas brasileiras cobertas pelo Projeto, considerando as línguas que aí estiveram em contacto, os movimentos demográficos, a ausência/presença da escolarização e, conseqüentemente da escrita, como elemento normatizador.

Verifica-se, no entanto, uma produção relevante em relação ao português culto brasileiro, atendendo à sugestão proposta no primeiro item, e uma carência de estudos que contemplem o segundo item mencionado acima. Observa-se ainda, no caso da sugestão do item 3, que a reconstrução da sócio-história linguística tem sido mais voltada para as áreas urbanas, em detrimento das rurais, assim como para a formação de *corpora* cujos documentos refletem a escrita de indivíduos com altos níveis de escolarização.

A construção de *corpora* que apresentem dados representativos do português popular brasileiro tem especial relevância para a Linguística Histórica, tendo em vista a dificuldade de localização de documentos que sejam mais próximos de uma escrita cotidiana, produzidos por

² As sugestões citadas correspondem, no texto de Mattos e Silva (2002a, p. 461), aos itens *b*, *e* e *i*.

aqueles que não possuem maior domínio das habilidades de escrita. Barbosa (2006; 2007) comenta sobre o valor dos produtos de inábeis no estudo de sincronias passadas, pelo grau de transparência na escrita de dados da oralidade que os textos apresentam. Sobre textos escritos a partir do século XVI, quando se passou a uma maior pressão normatizadora, comparando-se aos medievais, esse autor lembra que “[...] a inabilidade de reproduzir as soluções mais fonológicas de várias convenções gráficas torna os inábeis em escrita alfabética um grupo mais que desejado pela pesquisa histórica [...]” (BARBOSA, 2007, p. 484).

Alguns poucos trabalhos têm apresentado documentos cuja escrita se aproxima mais do vernáculo, como o de Oliveira (2006), com um *corpus* composto por atas escritas por africanos e afrodescendentes, na Bahia do século XIX. Amostras desse tipo podem contribuir significativamente para a reconstrução de aspectos sócio-históricos e linguísticos da vertente popular que, segundo Mattos e Silva (2001), é fruto do contato linguístico intenso entre povos e línguas distintas que caracterizou o contexto de multilinguismo dos primeiros séculos de colonização do Brasil. Observa-se, no entanto, certa escassez de *corpora* desse tipo, principalmente em relação ao século XX. A amostra apresentada no trabalho de Santiago (2012), constituída por cartas escritas por sertanejos, de localidades rurais da Bahia, escritas no século XX, representativa da variedade popular, é uma tentativa de contribuir para suprir a lacuna de dados percebida nesse século, demonstrando que traços de inabilidade identificados em séculos anteriores são aplicáveis a textos desse período.

Na próxima seção, são apresentados alguns trabalhos dedicados à formação de *corpora* para o estudo do português brasileiro.

3 ALGUNS *CORPORA* DISPONIBILIZADOS PARA O ESTUDO DE SINCRONIAS PASSADAS

Os documentos escritos são o material empírico para o estudo de sincronias passadas, considerando-se a impossibilidade de acesso à fala dos indivíduos dessas sincronias. Mattos e Silva (2008, p. 20) lembra que alguns autores afirmam ser a Linguística Histórica a história da língua escrita, “[...] mas sem a fala não se escreve, pode-se entrever ou entreouvir a voz através dos textos: tarefa difícil e apenas aproximativa, ‘ouvir o inaudível’.”

O estudo de vários aspectos linguísticos referentes ao português brasileiro é possível pela contribuição de diversos trabalhos que têm sido dedicados à constituição de *corpora* significativos, sejam literários ou não-literários. As pesquisas abordam desde investigações acerca de mudanças sintáticas a pesquisas sobre tipologia textual, tradições discursivas e fenômenos no nível grafo-fonético. Esses estudos, no âmbito do PHPB, atendem à agenda de pesquisa inicial dos pesquisadores que integram o projeto, no sentido de apresentar trabalhos referentes às três vertentes básicas: a constituição de *corpora* diacrônico do português brasileiro; o estudo sobre a história social linguística do Brasil, e o estudo sintático (CASTILHO, 1998). Essa última vertente logo passou a ser designada de estudos linguísticos, por abranger outros níveis além do sintático, como havia sido proposto inicialmente (MATTOS E SILVA, 2002b).

Sobre a constituição de *corpora* diacrônico do português brasileiro, Lobo (2001a, p. 109) traça o perfil do que seria um *corpus* linguístico ideal, sugerindo que deva ser constituído por textos de sub-*corpora* que permitam conhecer:

- sub-*corpus* 1: as variedades do português europeu transplantadas para o Brasil;
- sub-*corpus* 2: as variedades do português falado como segunda língua pelos aloglotas;
- sub-*corpus* 3: as variedades do português brasileiro que paulatinamente se iam constituindo: 3.1) as variedades cultas – supostamente mais unitárias e descendentes diretas das variedades do português europeu – e 3.2) as variedades populares – supostamente mais diversificadas e descendentes diretas das variedades do português como segunda língua.

As amostras que têm sido disponibilizadas, como se demonstrará adiante, são significativas, sobretudo para a reconstrução do passado da vertente culta, contemplando a sugestão de constituição dos sub-*corpora* 1 e 3.1. A autora reconhece a dificuldade de se constituir um *corpus* que permita conhecer as variedades populares, como o sub-*corpus* 3.2, afirmando que

[...] a tarefa da escrita da história linguística dos grupos sociais subalternos, na medida em que estes, raramente, deixaram testemunhos autógrafos, deverá, em muitos aspectos, pautar-se em uma reconstrução a partir de “indícios” e, necessariamente, do presente em direção ao passado. (LOBO, 2001a, p. 109)

Dentre outros *corpora* significativos constituídos, a ênfase dos comentários aqui realizados será para aqueles que apresentam documentos manuscritos não-literários, e dentre estes a escolha foi orientada por dois critérios: ou porque são formados por cartas (BARBOSA, 1999; LOBO, 2001a; CARNEIRO 2005), ou por envolverem documentos referentes à escrita mais próxima do vernáculo (OLIVEIRA, 2009b, 2007, 2006, 2004).

O Quadro 1 apresenta alguns trabalhos, dentre muitos outros, que disponibilizam *corpora* constituídos por cartas, no âmbito do PHPB:

Quadro 1: Alguns trabalhos que disponibilizam *corpora* constituídos por cartas

Trabalhos	<i>Corpora</i> disponibilizados
“Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas do comércio”. Tese de Afrânio Gonçalves Barbosa, 1999.	93 cartas de comércio escritas no Brasil por portugueses e 14 documentos oficiais da administração pública do Rio de Janeiro (século XVIII).
“Cartas baianas setecentistas”. Organização de Tânia Lobo e colaboração de Permínio Ferreira, Uílton Gonçalves e Klebson Oliveira, 2001b.	126 cartas oficiais do Recôncavo da Bahia (século XVIII).
“Para uma sociolingüística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX”. 2001a. Tese de Tânia Conceição Freire Lobo, 2001a.	158 cartas particulares do Recôncavo da Bahia (século XIX).
“Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas”. Dissertação de Márcia Cristina de Brito Rumeu, 2004.	60 cartas produzidas no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX).
“Cartas brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico”. Tese de Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, 2005.	500 cartas produzidas por indivíduos brasileiros (1808-1904).
“A norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19”. Organização de Célia Regina dos Santos Lopes, 2005.	41 cartas pessoais do casal Ottoni aos netos (século XIX).

<p>“Cartas de amor da Bahia do século XX: Normas linguísticas, práticas de letramento e tradições do discurso epistolar”. Dissertação de Ana Sartori Gandra, 2010.</p>	<p>117 cartas pessoais escritas na Bahia (primeira metade do século XX).</p>
<p>“A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)”. Organização de Dinah Callou e Afrânio Barbosa, 2011.</p>	<p>17 cartas destinadas a Rui Barbosa (século XIX).</p>

O Quadro apresentado, que não esgota todos os *corpora* já organizados³, apenas assinala alguns, demonstra a predominância de trabalhos voltados para a variedade culta. Há uma carência de *corpora*, constituídos por cartas, que contemplem o português popular brasileiro.

A tese de Afrânio Barbosa (1999) “Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas do comércio” permite o estudo de aspectos do português europeu no Brasil, na última década do século XVIII, a partir de dois *corpora*: 93 cartas de comércio escritas no Brasil por portugueses e 14 documentos oficiais da administração pública do Rio de Janeiro. O autor investiga sobre a tipologia textual dos documentos coloniais, descrevendo as características paleográficas, a fim de definir o nível de habilidade na escrita e também um aspecto morfossintático, a distribuição do gerúndio pelas estruturas sintáticas. Entre os documentos de circulação particular e os de circulação oficial, o autor demonstra que as cartas de comércio, textos escritos com menor grau de cerimônia, de circulação privada, constituem um *corpus* representativo que revela a escrita de redatores que não são exatamente inábeis, mas sim pouco hábeis.

Os *corpora* apresentados pelo autor são de especial valor ao estudo do português europeu no Brasil, por haver um controle metodológico e por trazer, como declara Mattos e Silva (2002b, p. 23), “[...] contribuições extremamente relevantes para a sócio-história lingüística do Brasil, especialmente do Rio de Janeiro; reflexões amadurecidas sobre tipologia de documentos coloniais e, conseqüentemente, para um *corpus* geral para o nosso Projeto.”

As cartas particulares do Recôncavo da Bahia, apresentadas por Lobo (2001a) em sua tese de doutorado “Para uma sociolingüística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX”,

³ Para uma sistematização mais detalhada das produções individuais e coletivas dos membros do PHPB, de 1997 a 2003, cf. Barbosa e Lopes (2010) e para a produção bibliográfica do projeto, de 1999 a 2010, cf. Castilho (2010).

estão organizadas em dois sub-*corpora*, as cartas escritas por remetentes de nacionalidade portuguesa e as escritas por remetentes de nacionalidade brasileira. Esses sub-*corpora* se aproximam porque os remetentes pertencem à elite ou ao grupo social dela mais próximo na estrutura social de Salvador e do Recôncavo da Bahia no século XIX.

Ainda que em pequena proporção, é importante mencionar que há, no *corpus* disponibilizado pela pesquisadora, documentos que revelam indícios da variedade popular. São quatro cartas autógrafas do remetente Frutuoso de Azevedo Pereira, que segundo a autora, é o que mais transfere para a escrita marcas do português brasileiro oral não-padrão, com aspectos característicos dessa variedade nos níveis fônico, morfológico e morfossintático. No entanto, o conjunto de documentos contribui para o estudo sócio-histórico e linguístico referente ao português *standard*.

Contribuição semelhante à de Lobo (2001a) foi apresentada por Carneiro (2005), através da tese “Cartas brasileiras (1808-1904): um estudo linguístico-filológico”. A autora apresenta um *corpus* formado por 500 cartas manuscritas, produzidas por indivíduos brasileiros, entre 1809-1904. O *corpus* permite opor duas variantes: 1. textos escritos por brasileiros cultos nascidos e ou educados em regiões urbanas e 2. textos escritos por brasileiros semi-cultos e não cultos nascidos/radicados no interior, especificamente da Bahia. A tese é organizada em dois volumes. O segundo volume, em que a autora apresenta a edição fac-similada das cartas, é subdividido em três partes: 1ª: cartas avulsas para vários destinatários; 2ª: cartas para Severino Vieira e 3ª: cartas para Cícero Dantas Martins, o Barão de Jeremoabo. A edição disponibilizada é bastante apropriada aos estudos linguísticos, por trazer, assim como também fez Lobo (2001a), o “controle” dos documentos no que se refere a quando, onde, a quem e para quem os textos foram escritos, e ainda por evidenciar os modos de circulação e as condições de produção, como propõe Barbosa (1999).

Destacam-se aqui as cartas que compõem a terceira parte do segundo volume. Conforme a autora, em relação ao conjunto dos documentos, a variedade que aparece na escrita dos remetentes nascidos em regiões rurais do interior da Bahia é a que estaria mais próxima do português brasileiro vernacular. A investigação do contexto de escolarização dos sertanejos que escreveram essas cartas⁴, incluindo proprietários de terra, comerciantes e vaqueiros, permitiu perceber o pouco contato com a língua culta, o que é identificado pela

⁴ Carneiro (2005, p. 264) mostra que “[...] não há indícios de que tenham feito cursos preparatórios para as faculdades”. Também não foi encontrado “[...] nenhum registro desses remetentes nos internatos e externatos da capital da província. É provável que a maioria tenha feito o curso de primeiras letras na região [...]”.

presença, na escrita, de traços próprios à oralidade, que são menos evidentes nas cartas da 1ª e 2ª partes:

A implantação de uma possível variante culta do português brasileiro no interior da Bahia parece ser recente. É provável que a variedade semi-culta, encontrada nos textos produzidos por remetentes do interior, adquirida via pouquíssimo contato com a escolarização, ofereça dados da língua vernácula do interior da Bahia. (CARNEIRO, 2005, p. 264)

Ainda que as cartas da terceira parte apresentem indícios de uma variedade popular, semi-culta, a maior parte dos documentos apresentados no *corpus* foi escrita por remetentes cultos⁵.

Diante do desafio para reconstrução do português popular brasileiro, retoma-se a pauta de pesquisa proposta por Mattos e Silva (2002a) em que evidencia a necessidade de buscar a produção escrita daqueles pertencentes a classes sociais inferiores, que tiveram pouco acesso à escolarização. Sobre isso, Oliveira (2009a, p. 175) questiona: “[...] onde encontrar fontes que podem ser de serventia para uma história do português popular brasileiro?”. E foi esse pesquisador que mostrou ser possível encontrar produtos gráficos de indivíduos pertencentes às classes subalternas, com a disponibilização dos seguintes documentos:

- 290 atas escritas por africanos e afrodescendentes na Bahia do século XIX;
- 14 textos de escravos de diversas localidades do Brasil;
- 183 tábuas votivas;
- 26 cartas de cangaceiros.

Seguindo as reflexões do paleógrafo italiano Armando Petrucci (1999), a sua busca por essas fontes foi intermediada por diálogos. Um desses diálogos desenvolvidos foi travado com Mattos e Silva, quando a autora defende a hipótese, segundo Oliveira (2009a, p. 177), de que “[...] no Brasil passado, foram os africanos e seus descendentes os mais prováveis utentes do português popular brasileiro”. A partir desse e de outros diálogos⁶, Klebson Oliveira (2006) apresenta um dos resultados da busca em sua tese “Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico”, com uma edição de atas escritas por africanos e afrodescendentes na Bahia, pertencentes a uma irmandade negra do século XIX, a Sociedade Protetora dos Desvalidos.

⁵ A 3ª parte é composta por 190 cartas, enquanto a 1ª traz 208 cartas e a 2ª compõe-se por 102 cartas.

⁶ Para o ajuntamento do material, o pesquisador menciona diálogos com diversas áreas do conhecimento, principalmente com a História e a Antropologia (OLIVEIRA, 2009a).

É uma tese dividida em dois volumes. O primeiro contém a parte sócio-histórica e o estudo linguístico, em que há a descrição e análise de fenômenos pouco estudados em perspectiva histórica: a segmentação gráfica; um aspecto de aquisição da escrita, as grafias para sílabas complexas; fenômenos gráficos, e marcas da oralidade na escrita. O segundo volume contém a parte filológica, composta por 290 documentos inéditos, uma amostra relevante para evidenciar a escrita dos negros na Bahia ao longo do século XIX, cujo um dos méritos é, de acordo com o próprio autor, em face de um *corpus* geral diacrônico para o estudo da constituição histórica do português brasileiro, “[...] consentir aproximações do que teria sido o português popular do passado [...]” (OLIVEIRA, 2006, p. 213).

Além dos documentos usados em sua tese, Oliveira (2009a) também identifica outras possibilidades, mostrando que é possível encontrar produtos gráficos pertencentes a classes subalternas, mesmo enfrentando, nessa tarefa, os obstáculos apontados por Petrucci (1999): a raridade, a dispersão arquivística e o mínimo quociente de durabilidade. A questão da raridade desses documentos vem logo à tona quando se leva em consideração os baixos índices que caracterizam a história da alfabetização na realidade brasileira. Sobre o problema da dispersão arquivística, com exceção dos documentos da Sociedade Protetora dos Desvalidos, as demais fontes identificadas pelo pesquisador o ilustram bem. Para a localização das 14 cartas produzidas por escravos, contribuíram os acervos dos arquivos públicos dos estados da Bahia, do Piauí e de São Paulo. Assim também ocorreu a busca pelas tábuas votivas, um tipo de ex-voto que apresenta imagem e texto/legenda, produzidas por classes populares, em que se recorreu a catálogos; acervo particular do antropólogo Luiz Mott; coleções da igreja do Sr. do Bomfim, na Bahia e do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Minas Gerais, e Museu de Arte Sacra de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro. No caso das cartas de cangaço, colaboraram o acervo da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, da Associação Cabras de Lampião, do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e do Arquivo Público do Estado de Alagoas.

Outro empecilho enfrentado, dos mencionados por Petrucci (1999), foi a questão do mínimo quociente de durabilidade. E o acervo da Sociedade Protetora dos Desvalidos exemplifica isso, por evidenciar “[...] a escassa durabilidade do produto destinado às classes subalternas[...]” e a “[...] ausência de uma mentalidade que comporte o preocupar-se com a conservação desses produtos gráficos nos ambientes permissivos à sua emergência” (OLIVEIRA, 2009a, p. 182), aspectos que, segundo o autor, estão relacionados ao mínimo quociente de durabilidade.

Apesar desses empecilhos, ao reunir esses documentos, disponibilizando-os para o estudo linguístico, o pesquisador demonstra a possibilidade de se encontrar fontes para o estudo da variedade popular do português. Com relação aos textos escritos por escravos, no artigo “E agora, com a escrita, os escravos!” Oliveira (2004) apresenta 13 cartas e uma procuração de bens, caracterizando as circunstâncias históricas desses textos ao detalhar aspectos do lugar, do tempo, das motivações e dos destinatários. Escritos por escravos ou por expressão de sua vontade, os documentos permitem reflexões sobre o alcance da prática de leitura e da escrita no Brasil do passado, em que a história da alfabetização não é exclusiva de brancos.

As tábuas votivas são apresentadas por Oliveira (2007) no texto “As tábuas votivas, mais uma fonte para a história do nosso ‘latim vulgar’”. São descritos o contexto de produção, difusão e consumo dos ex-votos, enquadrando-os no âmbito da cultura popular, a aspectos referentes à linguagem das legendas das tábuas votivas. O autor argumenta que, mesmo possuindo uma aparência de estruturas formulares, as legendas evidenciam alguns indícios do português popular brasileiro e são relevantes, principalmente, para investigações no plano fonético-fonológico. No artigo “Cartas e bilhetes de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião: sócio-história, funções e um *pouquinho* de descrição linguística”, o pesquisador revela aspectos sócio-históricos e linguísticos de 26 textos produzidos por Lampião, o líder maior do cangaço nordestino. A descrição linguística realizada, no nível da fonética/fonologia, demonstra traços específicos da fala na escrita, oferecendo, assim, contribuições para a reconstrução histórica do português popular brasileiro (OLIVEIRA, 2009b).

Uma amostra que apresenta especificidade semelhante à dos documentos reunidos por Klebson Oliveira é a de Santiago (2012), no volume II da dissertação de mestrado “Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de ‘mãos cândidas’ do sertão baiano”: são 91 cartas pessoais escritas ao longo do século XX, por 43 sertanejos oriundos da zona rural do semiárido baiano. A ênfase é para os indícios que evidenciam as “mãos inábeis”, características que denunciam a pouca habilidade que os redatores têm com a escrita, na perspectiva de investigação de Barbosa (1999), Oliveira (2006) e Marquilhas (2000), como aspectos supragráficos e paleográficos; segmentação gráfica; aspectos de aquisição da escrita e fenômenos fônicos. Esse conjunto de propriedades presentes nos documentos fornece pistas para reconhecer a amostra como representativa da vertente popular do português brasileiro. A localização e edição dessas cartas pretendem contribuir para diminuir a carência de *corpora*

representativos da vertente popular, afinal, como propõe Mattos e Silva (2002a), é preciso recuperar a história das variantes populares também com o estudo das variedades rurais, não só daquelas comunidades que têm uma história marcada pela forte presença africana e afrobrasileira, mas também considerando outras com realidades históricas diversas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca da reconstrução da sócio-história linguística brasileira, mais especificamente, a reconstrução do passado do português popular brasileiro, é preciso investigar as variedades conviventes hoje, sobretudo, as dos não-escolarizados das diversas áreas rurais do país. Nota-se, porém, uma produção acadêmica relevante no que diz respeito ao português culto, que disponibiliza *corpora* constituídos, principalmente, por documentos que refletem a escrita de indivíduos com níveis maiores de escolarização, e poucos trabalhos voltados para as variedades populares. Para a Linguística Histórica, os produtos gráficos daqueles que não possuem maior domínio das habilidades de escrita têm especial relevância, considerando-se a dificuldade de encontrar textos que reflitam a escrita cotidiana, produzidos pelos segmentos sociais mais estigmatizados. A localização de alguns textos, como os documentos escritos por escravos, cangaceiros e também por sertanejos, tem mostrado, no entanto, ser possível encontrar fontes para o estudo do português popular brasileiro, com produtos gráficos de grupos excluídos historicamente, que ficaram às margens do processo de escolarização.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Afrânio Gonçalves; LOPES, Célia Regina dos Santos. *Corpora* do projeto Para a história do português brasileiro de 1997 a 2003. In: HORA, Dermeval da; SILVA, Camilo Rosa (Org.). **Para a história do português brasileiro: abordagens e perspectivas**. v. 3, João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2010. p. 395-416.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Normas cultas e normas vernáculas: a encruzilhada histórico-diacrônica nos estudos sobre português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de et al (Org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes, 2007. p. 483-498.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. v. 6, t. 2. Salvador: EDUFBA, 2006. p.761-780.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas do comércio**. 1999. 484f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CALLOU, Dinah; BARBOSA, Afrânio (Org.). **A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

CALLOU, Dinah; BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia. O português do Brasil: polarização sociolingüística. In: MOTA, Jacira.; CARDOSO, Suzana; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **Quinhentos anos da história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 257-291.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Cartas brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico**. 2005. 4v. 2.329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Produção bibliográfica do projeto Para a história do português brasileiro (1999-2010). In: HORA, Dermeval da; SILVA, Camilo Rosa (Org.). **Para a história do português brasileiro: abordagens e perspectivas**. v. 3. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2010. p. 395-416.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Para a história do português brasileiro**. Primeiras idéias. v. 1. t. 2. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998. p. 7-17.

GANDRA, Ana Sartori. **Cartas de amor da Bahia do século XX: Normas linguísticas, práticas de letramento e tradições do discurso epistolar**. 2010. 525f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

LOBO, Tânia Conceição Freire. **Para uma sociolingüística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX**. 2001a. 4v. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001a.

LOBO, Tânia Conceição Freire. (Org.); FERREIRA, Permínio; GONÇALVES, Uílton; OLIVEIRA, Klebson (Colaboradores). **Cartas baianas setecentistas**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001b.

LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). **A norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. Processos de crioulização na história sociolingüística do Brasil. In: MOTA, Jacira.; CARDOSO, Suzana; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.) **Quinhentos anos de história sociolingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 163-218.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). **D.E.L.T.A** [online], v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v17n1/a05v17n1.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

MARQUILHAS, Rita. **A faculdade das letras: Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica** – “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados. In: MOTA, Jacira.; CARDOSO, Suzana; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). **Quinhentos anos da história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 219-250.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). **Para a história do português brasileiro**. v. 1. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002a. p. 443-464.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reflexões e questionamentos sobre a constituição de *corpora* para o projeto Para a história do português brasileiro. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah. (Org.). **Para a história do português brasileiro** – Notícias de *corpora* e outros estudos. v. 4. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, 2002b. p. 17-28.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Primeiros estudos. v. 2. t. 2. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001. p. 275-301.

OLIVEIRA, Klebson. Ajuntamento de fontes para a história do português popular brasileiro: amores, desamores e outras espécies de dores. In: OLIVEIRA, Klebson; SOUZA, Hirão F. Cunha; GOMES, Luís. (Org.). **Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva**. Salvador: EDUFBA, 2009a. p. 175-195.

OLIVEIRA, Klebson. Cartas e bilhetes de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião: sócio-história, funções e um *pouquinho* de descrição linguística. In: OLIVEIRA, Klebson; SOUZA, Hirão F. Cunha; GOMES, Luís. (Org.). **Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva**. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 117-128.

OLIVEIRA, Klebson. As tábuas votivas: mais uma fonte para a história do nosso “latim vulgar”. **Signos Linguísticos**, v. III, n. 6, p. 39-81, jul.-dez., 2007.

OLIVEIRA, Klebson. **Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico**. 2006. 3v. 1144f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, Klebson. E agora, com a escrita, os escravos! In: COSTA, Sônia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (Org.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 139-162.

PETRUCCI, Armando. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona: Gedisa, 1999.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. **Para uma história do português no Brasil**: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas. 2004. 2v. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SANTIAGO, Huda da Silva. **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano**. 2012. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.